



viver.

Porto Alegre, 19, 20 e 21 de maio de 2023 - Nº 41 - Ano 27

RENATO PARADA/DIVULGAÇÃO/JC

Autor gaúcho que cruzou diferentes fronteiras, Paulo Scott fala sobre prosa, poesia, humanidade e deslocamentos

Reportagem Cultural

Paulo Scott subiu no palco

Rafael Gloria, especial para o JC

As vezes é fácil deixar de lado, em uma trajetória com livros renomados, que Paulo Scott também é um autor que celebra o palco e os seus encontros. Na época em que vivia em Porto Alegre, por exemplo, o escritor de obras como *Marrom e Amarelo* e *Mesmo sem dinheiro comprei um esqueite novo* foi o idealizador de alguns eventos que movimentaram a cidade.

Um exemplo foi *PÓQUET: Ruído e Literatura*, com apresentações de escritores e músicos. Também realizou o *Na TáBUA*, em que ele e o amigo ilustrador

Fábio Zimbras literalmente espalharam literatura na cidade por meio de artes gráficas. Quando foi para o Rio de Janeiro, em 2008, criou o *De Modo Geral*, a revista ao vivo do comportamento brasileiro, que aconteceu no Instituto Moreira Salles. Um espetáculo de palco, em que havia convidados do meio literário, e contava com seu amigo Flu (Flávio Santos, ex DeFalla) colocando a trilha. Depois, o programa foi transformado em podcast durante a pandemia. Agora em São Paulo, também segue realizando eventos, e continua com a Orquestra Literária, em que combina poemas e músicas.

Scott explica que fazer isso é uma forma de se aproximar das pessoas e sair da sua zona de conforto. “Nunca fiz com a intenção de agitar culturalmente, criar uma cena ou promover meu trabalho. É que eu sou muito curioso em relação aos outros, e quando uma pessoa sobe no palco, ela se entrega de uma maneira diferente. Naturalmente, não tenho essa vocação de me aproximar, embora digam que sou agregador, porque tenho isso de apresentar as pessoas”, analisa. Para ele, então, essa é uma forma de ir além de apenas conhecer um trabalho. “Porque você está organicamente com

aquela pessoa, conversando. E eu me tornei amigo de muitos que eu não me tornaria se não tivesse chamado eles para subir no palco”, aponta.

O escritor Marcelino Freire diz que, nesse sentido, Scott também é inovador e inquieto. “Quantos projetos únicos ele realizou! Sem contar as inúmeras vezes em que ele participou da Balada Literária, me ajudando a tocar esse evento que acontece desde o ano de 2006”, afirma.

A escritora e roteirista Morgana Kretzmann, com quem Scott é casado, vê generosidade nele em relação a novos escritores e também com aqueles que já estão na estrada há um tempo. “O Paulo é uma pessoa que está sempre abraçando e acolhendo, e isso é algo muito admirável nele. Eu sempre acreditei que uma relação, para ser duradoura e longa, se baseia também na admiração que a gente tem pelo parceiro ou pela parceira, e no nosso caso acredito que a nossa relação vai muito por esse caminho. Tenho muito orgulho não só do escritor, mas da pessoa que ele é”, diz.

Talvez a relação do palco tenha a ver muito com o fato

de Scott se identificar, antes de tudo como poeta. “Eu sou poeta, eu não consigo não pensar em poesia. Então, por mais que as pessoas me vejam como romancista, eu não posso fazer nada. ‘Tu és um poeta que ninguém entende’, é o que eu mais escuto. Ninguém entende, mas a maioria esmagadora das editoras de poesia do Brasil quer me publicar. Eu tenho uma poesia que eu sei que ninguém faz igual no País. E que inspirou outras pessoas”, acredita. Ele também se diz músico frustrado, e já declarou que a banda que mudou a sua vida para sempre foi o conjunto rapper Public Enemy.

Além de estar trabalhando em um novo romance, o autor, que também é formado em Direito, está escrevendo o livro *Direito Antifascismo Brasil*, e faz doutorado em Psicologia na Universidade Federal Fluminense, em que investiga a ética da violência na literatura brasileira contemporânea a partir do romance *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Mas, antes de tudo, o poeta Paulo Scott está sempre ali, pronto para entrar no palco.

Leia mais na página central